

Sinopse I. Idosos Institucionalizados

| Indicadores Entrevistados | Privação |
|------------------------------|---|
| II 1 | “ Até agora temos vivido, a partir de agora não sei” “Inclui médico, enfermeiro, e tudo o que for preciso de higiene somos nós que pagamos, é à parte, os de contenção têm de pagar também” |
| II 2 | “Eu graças a Deus o que tenho chega-me, mas vejo muita gente coitadinhos (...) conheci uma senhora no hospital que queria, gostava muito de vir para o lar e tinha uma reforma pequeníssima (...), e havia uma outra senhora que também...não tinha dinheiro se quisesse vir para o lar, porque nos lares...não há lares que comportem as reformas que os velhinhos de hoje têm” |
| II 3 | “Eu, a minha reforma e a do meu marido dá para pagar o lar, não dá bem ainda falta, não chega a 20 euros e é um filho meu que trata disso tudo” |
| II 4 | “Eles marcam a consulta e depois vão-nos levar, vem cá uma empregada da casa e acompanha a essa consulta, mas a particular não, consulta particular temos que pagar do bolso” |
| II 5 | “Eu precisei de ir ao hospital, deram-me um carro, uma companhia e acompanharam-me aos hospitais, mas depois mais à frente... portanto eu aí não paguei nada, mais à frente eu precisei de uma consulta de oftalmologia e era, eu pretendi que essa consulta fosse feita ao meu antigo médico e aqui a instituição disse-me que sim, não podiam partilhar com nada, portanto eu fiz prevalecer a minha vontade fui, tive essa consulta e paguei, paguei transportes paguei tudo, nós no fundo temos que nos sujeitar aos que estão ligados à instituição” |
| II 6 | “No hospital não se paga, agora se formos a um consultório à parte” |
| II 7 | “ Até agora temos vivido, a partir de agora não sei” |

| Indicadores Entrevistados | Desqualificação |
|------------------------------|---|
| II 1 | “De facto é não poder trabalhar, não poder fazer aquilo que quer e ir onde quiser e não ter, está limitada apenas a pessoas que nos ajudem que nos levem a qualquer lado que não somos capazes de fazer sozinhos” |
| II 2 | “De facto é não poder trabalhar, não poder fazer aquilo que quer e ir onde quiser e não ter, está limitada apenas a pessoas que nos ajudem que nos levem a qualquer lado que não somos capazes de fazer sozinhos” |
| II 3 | “Eu fiquei assim, isto aconteceu-me já há catorze anos, não pude trabalhar mas não me encontrava velha, a minha cabeça não tinha ainda, portanto não era velha” “Mudou, de manhã acordo e não tenho, não dá aquela coragem, fica ali uma pessoa como morta muda muito” |
| II 4 | ”É a mesma coisa, uma pessoa querer fazer as coisas e não poder, querer ir a um lado e não poder” “Eu escrevia e agora não sou capaz de escrever, eu não seguro a caneta quando escrevo é risco para cima e risco lá para baixo” |
| II 5 | “Eu nunca fui reconhecido como velho, tive sempre o condão de esconder fi-lo durante vinte anos às pessoas que me perguntavam que idade tem e eu pedia-lhes por favor digam-me, tentem adivinhar e nunca, sempre me pouparam vinte anos eu não pensei portanto que aos noventa e três anos nunca parei... é triste, eu nunca me senti incapacitado de dar seguimento, eu simplesmente quando aos noventa e três anos tive a queda e o avc, a partir daí então comecei a ser um pobre velho, um pobre velho digamos” |
| II 6 | “É quase a mesma palavra é onde querer ir e não poder” “Eu tive que ficar em casa para tomar conta dos meus pais, os meus pais morreram e eu já tinha idade tive a reforma e vim para o lar” |
| II 7 | Eu para mim é estar semi parado, semi porque eu troquei agora do refeitório para aqui, eu se for preciso ir à cidade já não consigo” “Eu senti muita diferença porque tive uma vida de trabalho e depois dum momento para o outro fiquei parado e senti em minha dificuldade, entre os dois seres o trabalho e o parado a coisa que mais me custou na vida, a coisa que mais me custou não, foi das coisas que mais me custou foi deixar de trabalhar |

| Dimensão Entrevistados | Desafiliação |
|---------------------------|---|
| II 2 | “Eu nunca trabalhei, era doméstica mas reformei-me como domestica mas quer dizer, depois quando arranjei a reforma tinha já os meus netos para tratar deles sempre fui amiga duma vizinha ser elas tivessem que sair, ir ao estrangeiro ou assim eu tratava-lhe dos quintais, eu tratava do meu quintal, eu ajudava os meus sogros depois quando começaram a ser velhotes e ia a tratar do prédio sempre me dei muito bem, gostei de conviver e ultimamente quando eu pensei que quando esse meu neto fez quarta classe também agora tu do filho que eu quero ir a dar a volta ao país com o teu pai, tive esta doença e depois já não fui, fiquei velha e arrumada” |
| II 3 | “ No que toca a relacionamentos acho que é benéfico para todos, nós podemos ir dum piso para o outro, as pessoas é que estão, porque nós se quisermos correr o lar todo nós correremos e ir para o um, para o dois ou para o outro, ir conviver com as outras senhoras,” |
| II 4 | “Quem quer pode mudar de andar falar com os amigos, falar com as pessoas podem ir à vontade” |
| II 5 | “ (...) aos setenta anos sofri então um golpe muito duro que foi a morte da minha segunda esposa então foi nessa altura senti um obstáculo grande na vida porque deixei de amar e de ser amado...mas para grandes males grandes remédios eu tive uma doença e um medico entendeu que eu tinha tensão arterial, (...), então arranjei uma máquina para medir a tensão e dai foi uma continuidade de coisas que me ajudaram. E então o que é que aconteceu, o meu vizinho de lá soube que eu tinha lá o aparelho de medir a tensão e pediu-me para que eu o apoiasse, o vizinho do vizinho soube disso pediu e eu ajudei. E cheguei a um período dentro da minha comunidade em que eu tinha por semana marcadas consultas sessenta para medir a tensão, portanto o que e dava uma ocupação total mas uma ocupação alegre. Ou porque eu ia a casa das pessoas ou porque as pessoas iam à minha casa” |
| II 6 | “Nem todos têm a mesma sorte, há doentes que têm três quatro visitas da família todos os dia e quanto há outros que se passam meses e meses que não vêm cá” |
| II 7 | “Tenho amigos que ligam para aqui assim...e continuam a saber da nossa situação” |

| Dimensões Entrevistado | Institucionalização/Autonomia | |
|---------------------------|--|--|
| | Internamento/ Admissão | Privacidade |
| II 1 | “(…) E a minha prima respondeu assim: a minha mãe não pode dar nada só se eu der alguma coisa por ela, eu não posso abalar e deixar a minha mãe naquele estado, sabe quanto é que a senhora deu? Dez mil euros o filho deu-os” | “Não podemos trazer nada, em cima da cómoda coisas poucas, uma ou outra fotografia e mais nada” |
| II 2 | “Eu entrei para cá também entrei logo, uma pessoa como eu que têm que me arranjar, ajudar paga e não é pouco, eu paguei mil contos ainda era no lar da associação” | |
| II 3 | “ Olha eu vou dizer, pronto sabe porque é que a gente não vai para a lista de espera? por causa disto (faz sinal de dinheiro com os dedos), há pessoas que estão dois anos à espera mas se a gente chega cá vai ter com a doutora e diz assim se quiser a primeira vaga que aparecer tem que dar x, eu dei 2500€, é esse dinheiro” | “Por exemplo estão duas pessoas num quarto, e por exemplo não se dão bem uma com a outra e se houver um quarto vago, fala com quem d direito e muda...para trocar” |
| II 4 | “Eu vim para cá, o meu marido morreu e eu vivia sozinha e os meus filhos disseram-me, oh mãe você não pode aqui estar, você quer ir para o lar? (silêncio, choro) e eu disse que sim...ainda só faz um ano que estou aqui no dia doze que cá estou” | |
| II 5 | “ Foi a minha filha e a minha neta, ela veio comigo e eu com ela portanto eu não fui directamente para este lar mas paro o lar de lá de cima, fui para lá, mas esse lar tinha um inconveniente muito grande que era só de dia iam me buscar de manha e iam me lá por depois às seis horas, mas como eu tinha que viver, portanto não podia viver em minha casa, tinha que dormir em casa da minha filha” | ”Mas os contratos dizem que não pode sair sem autorização” |
| II 6 | “Eu também os paguei mas depois de mim houve muitas pessoas que entraram e não pagaram mas como eu queria vir porque estava em casa e estava a fazer ainda muito mais despesa (...)” | |
| II 7 | “É por isso que uma pessoa não está muito tempo à espera, há aí muitas pessoas que queixam-se, chegam as pessoas a morrer para as chamarem para aqui, se eu tiver dinheiro entro se não tiver dinheiro não entro” | “Podemos escolher ou acompanhados ou sozinhos, há x quartos no lar” |

| Dimensões | | Institucionalização/Autonomia | |
|-----------|--|-------------------------------|---|
| | | Entrevistado | |
| II 1 | “ Eu tenho a minha filha que paga, mas o dinheiro é meu ela tem o meu cartão, ela dá-me contas do que faz, porque eu tive esta doença, e não posso ir ao banco...não posso ir a parte nenhuma, a minha filha é que me faz tudo mas dá-me contas de tudo, mostra-me os extractos” | | “Nós não somos convocados para isso” |
| II 2 | ”Mas os contratos dizem que não pode sair sem autorização” | | “ Ainda no outro dia pedi à senhora doutora para marcar uma reunião com os senhores da direcção, que entraram agora novos e ainda não conhecemos e nos queríamos falar com eles” |
| II 3 | “Eu não me preocupo com isso, só vou ao banco quando é para dar o aumento no fim do ano, por de resto o dinheiro sai directo da conta” | | “ Pois agora conversas connosco não tem” |
| II 4 | “Nesse capitulo eu estou tranquilo, eu estou sossegado” | | “Agora cá coisas sobre a reunião ninguém disse nada” |
| II 5 | “ (...) Portanto foi ela, e quando adoeci fiquei imobilizado (...) tenho um irmão com 86 anos, e que eu tenho internado no lar de Verdelhos há doze anos, e é essa minha filha, que tem que fazer a redistribuição dos pagamentos nos seus momentos próprios | | |
| II 6 | “Mais ou menos, até agora...mas daqui por diante não sei” | | |
| II 7 | “O meu é o meu filho, que faz o movimento do banco, é que faz os pagamentos, é que compra os medicamentos, faz todo o movimento” | | “ A doutora só vem ao pé de nós para nos falar do aumento” “Eles enviam uma carta à pessoa, aos familiares a dizer qual a percentagem de aumento, que nós temos que pagar no mês seguinte” |

